



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**SILVANA VILODRE GOELLNER**

**(depoimento)**

**2011**

## FICHA TÉCNICA

**Entrevistada:** Silvana Vilodre Goellner

**Entrevistador:** Rodrigo Duarte Ferrari

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte (Porto Alegre)

**Data da entrevista:** 13/09/2011

**Processamento da Entrevista:** Rodrigo Duarte Ferrari

**Páginas Digitadas:** 8

**Número da entrevista:** E-333

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Rodrigo Duarte Ferrari intitulada *Gestão da informação e conhecimento em esporte e lazer: o caso do Repositório Institucional da Rede CEDES (RIRC)*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina em fevereiro de 2012.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em setembro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## SUMÁRIO

Participação da entrevistada na Rede CEDES; Produção acadêmica da Rede CEDES; Impacto da produção da Rede CEDES na Pós-Graduação; Repositório Institucional da Rede CEDES; Experiência da entrevista com repositórios digitais; Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte; Importância da ferramenta DSpace; Movimento de acesso livre à informação; Novas tecnologias de informação e formação profissional em Educação Física.

**Rodrigo:** O primeiro tema do roteiro da pesquisa se refere à contextualização da sua participação na Rede CEDES, desde o início até hoje em dia.

**Silvana:** Nós participamos do primeiro edital da Rede CEDES, o projeto era a instalação da Rede CEDES. As pesquisas que eu desenvolvi sempre estiveram voltadas ao Centro de Memória do Esporte: dois editais vinculados à digitalização dos documentos que agora nós vamos “repositar”. Eu criei um verbo “repositar”, que quer dizer, depositar no Repositório Digital do Centro de Memória e o último nós fizemos um projeto que contém o Portal ESEF 70 Anos. Eu vejo que a Rede foi muito importante do campo da Educação Física e que ela impactou na Pós-Graduação. A experiência que eu tive de participar da Comissão de Avaliação da Área 21, no triênio passado, permitiu perceber que grande número das publicações das ciências sociais e humanas eram de pessoas vinculadas com a Rede CEDES. Sobretudo os livros, pois a Rede proporcionou a publicação desses livros. Isso impactou e fez a Comissão perceber que existia um investimento e um grupo que teve um suporte institucional e sem dúvida alavancou. Eu sempre digo para a Rejane Penna Rodrigues e Leila Mirtes Magalhães Pinto que a Rede impactou na Pós-Graduação. E o fato de ter uma certa flexibilidade com a avaliação dos livros, de serem considerados no último triênio, tem a ver com essa produção. Ou seja, não tem como a CAPES negar a discussão de que as publicações em periódicos não são as únicas formas de publicação com esse número de publicações em forma de livro, que são frutos de pesquisas, são trabalhos sérios e isso acabou impactando.

A Rede CEDES foi muito importante por demarcar uma territorialidade, os pesquisadores que trabalham com as ciências humanas precisam ser reconhecidos, precisam de recurso, espaço, e acho que isso modificou o cenário da pesquisa. Não que não houvesse essas pesquisas, mas era muito mais difícil conseguir recursos para mantê-las. Diferentemente da Rede CENESP que já estava instituída e que tinha outro aporte de investimentos.

**Rodrigo:** Qual a importância do acesso aberto?

**Silvana:** Por eu trabalhar diretamente com essa questão da memória percebo que há uma resistência dos próprios grupos, nós mesmos custamos para fazer as primeiras submissões no RIRC, por não saber lidar com essas novas ferramentas e possibilidades. Mas eu acho

que os repositórios e o acesso aberto é o caminho da acessibilidade ao conhecimento, quer dizer, tudo que foi produzido pela Rede CEDES não pode estar apenas nas nossas bibliotecas; o fato deles terem a possibilidade de estarem abertos para além da página do governo e outras possibilidades de acesso eu acho que é maravilhoso. É um caminho a ser construído pela falta de tradição, quer dizer, são tecnologias muito novas que apareceram para gente também, então, as formas de ter acesso a esse material a partir do físico, que eu acho que tem uma importância muito grande também, não deve ser abandonado, mas é outra forma, outro suporte, outras possibilidades de estar disponibilizando esse material. Eu acho que foi uma grande sacada da Rede e do grupo de vocês terem construído esse repositório e pensar de ver isso lá na frente, ou seja, como que esse material, para além de ser divulgado, ele vai ficar, independente dos governos que passam e do que venha acontecer. Se tiver algum grupo que toca o repositório e as pessoas conseguirem minimamente “repositar”, colocar ali suas produções é uma ferramenta que está dada, foi construída para isso. Eu vejo como positivo, foi um passo à frente, que Rede ampliou a possibilidade de percepção da importância da própria rede.

**Rodrigo:** Experiências de desenvolvimento de repositórios.

**Silvana:** Eu não conhecia os repositórios, conheci a ferramenta via o Repositório Institucional da Rede CEDES (RIRC). Um dos grandes desejos que eu sempre tive em relação ao Centro de Memória do Esporte (CEME) era de colocar esse acervo que temos de forma digitalizada e disponível para quem quiser acessar. Dois projetos da Rede CEDES já foram relacionados às coisas do Centro de Memória: digitalização de documentos, catalogar e higienizar; e a própria estruturação do prédio do Centro, que não foi via Rede CEDES mas a Rede ajudou a articular uma emenda parlamentar com a Leila e a Ana Felix que, na época estava no governo, para reformar um pouco do prédio e ter mais condição de acessibilidade ao acervo e de manutenção. Compramos desumidificadores e coisas assim. Eu sempre estava trabalhando com a lógica das páginas, e a home Page é uma ferramenta boa, mas não estava contemplando aquilo que eu queria colocar na rede, pois nós não tínhamos nem espaço institucional para todo esse acervo. Olhando o repositório eu identifiquei que era uma ferramenta interessante. Eu conheci o DSpace pelo RIRC. Em conversa com o pessoal do CPD da UFRGS eles disseram que era possível criar um repositório para o CEME, mas eles não tinham espaço suficiente para todo material que

nós tínhamos. Então eu fui atrás de financiamento para isso e, como temos o projeto da memória do Programa Segundo Tempo, é um projeto que eu coordeno desde 2009, então conseguimos os equipamentos. Nós conseguimos cerca de trinta mil reais e o Centro de Processamento de Dados da UFRGS (CPD) criou o nosso repositório. Nesse processo que tem uns 3, 4 meses temos aprendido muito com os repositórios. Desde a escolha das coleções, comunidades: definimos uma comunidade para o Programa Segundo Tempo, outra do Centro de Memória do Esporte. O que o DSpace chama de coleções é diferente do que nós chamamos no Centro de Memória de coleções. Então fomos adequando. Coleções são os grandes acervos: Universiade, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Programa Segundo Tempo, Olímpico, Educação Física, Escola de Educação Física... então, nós começamos a trabalhar com esses dados; montar os descritores do que era importante registrar; o que era para cada uma das comunidades (PST e CEME), pois ainda que sejam próximas elas são muito diferentes. Por exemplo: o PST está acontecendo nesse momento; o CEME abriga materiais mais antigos, então, tentamos adequar e assim foi para o ar. Primeiro ficou umas 3 semanas em fase de experiência, hoje ele já está no ar. O exercício agora é começar a inserir o material no repositório. Eu brinco que o CPD da UFRGS é um tipo de “Big Brother” porque eles controlam tudo; um dia depusitei um calendário do CBCE e as duas fotos eram iguais, ai eles me corrigiram. Esse controle é super legal pois nos ajuda no trabalho que, às vezes, acontece de colocar em uma comunidade ou coleção errada. Duas bibliotecárias estão trabalhando comigo; uma dela foi para o doutorado sanduíche na Espanha e eu tenho feito o trabalho de organizar isso tudo. Grande parte do que está no sistema eu acabei “repositando”, para conhecer a ferramenta; autorizo ou não; aprovo ou não; edito os itens depois que eles estão no ar, enfim, estou aprendendo a lidar com isso.

Eu acho que a ferramenta é riquíssima, ela nos dá múltiplas possibilidades, principalmente para nosso acervo histórico, pois eu posso contar a história da peça (metadados), é uma história viva. Digamos que uma medalha sai para uma exposição, no outro dia eu posso inserir essa informação no sistema. Para mim, os repositórios são uma grande sacada em termos de acessibilidade do conhecimento. Nós estamos começando agora, migrando o sistema, acertando os descritores, os campos... mas é o que eu disse: é meu brinquedinho. Toda vez que eu acordo, logo de manhã, a primeira coisa que faço é ver os materiais que foram depositados no dia anterior já estão disponíveis; eu tenho uma

tabela do que eu já coloquei no sistema, porque nós temos um acervo imenso e eu preciso controlar; só de itens dos Jogos Olímpicos nós temos mais de onze mil itens; é muita coisa.

**Rodrigo:** A ideia é organizar esse material e disponibilizar no repositório?

**Silvana:** Tudo. Só de documentos, nós temos mais de 1.000 digitalizados, que já estão começando a ser inseridos. Os artefatos nós estamos fotografando: as medalhas, roupas, troféus e ao mesmo tempo buscando sua identificação. Fotografia, são uma 3.000. Destas, 500 já estão no Repositório da UFRGS - o LUME -, que está migrando agora para o nosso repositório específico. Nessa migração algumas informações se perdem, então, vamos ter que olhar de novo essas quinhentas fotografias. Umas duas semanas depois que começamos a brincar com o repositório, o pessoal do CPD nos chamou para uma reunião dizendo que estamos pensando na frente e que somos uma experiência piloto na universidade que prevê para o futuro que cada unidade tenha o seu repositório. Disseram: “O material que vocês estão disponibilizando é muito rico e queremos que a entrada no sistema seja pelo portal da universidade, pelo SABI, que é o catálogo de biblioteca da universidade e lá vai ter um campo que vai direcionar para o PST ou CEME”. Portanto, vai ter um diálogo entre os sistemas (interoperabilidade).

O repositório institucional LUME é só da produção de professores da UFRGS e o CEME tensionou isso porque nós temos uma série de materiais que abrigamos que não é produção intelectual da UFRGS; tanto que nosso repositório tem um item sobre cada peça se tem vínculo com a UFRGS ou não. Durante a discussão surgiu a pergunta: o que é ter vínculo com a UFRGS? Eu tenho um acervo que pertence ao CEME, automaticamente, ele está vinculado com a UFRGS, mesmo que seja o Rodrigo o autor do documento que está aqui. Então, eles começam a discutir dentro da política institucional, o que é produção intelectual da UFRGS ou não, por isso, provavelmente esse item caia na política do LUME. Os administradores do CPD estão falando num novo LUME, isso começou a partir de nosso repositório do CEME, essa experiência também se configura como piloto no LUME.

Por exemplo: as fotografias vão ser submetidas pelo nosso repositório, mas elas terão um link via LUME; os documentos entram via catálogo do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SABI) mas também ficam disponíveis no nosso repositório. O pessoal do CPD sempre diz que devemos pensar no usuário; tem que facilitar para quem vai usar.

Para mim os repositórios não são mais uma ferramenta, eles são a ferramenta! Por exemplo, o *youtube*: ninguém garante que os vídeos postados vão continuar disponíveis daqui um tempo. Tem coisas que nós tentamos acessar para nossas próprias pesquisas, que utilizamos há três anos atrás e o link não existe mais; os repositórios digitais permanecem. Por exemplo, o nosso repositório do CEME, ele vai permanecer, ele é institucional e tem a vantagem dos descritores (metadados). Não é só submeter o documento, os metadados permitem a complementação das informações dos objetivos arquivados.

**Rodrigo:** Um repositório, ou vários repositórios?

**Silvana:** Eu acho que vários repositórios. Pois são informações e fontes diferentes, por exemplo, o PST e o CEME. Eu acho que respeitar a especificidade da natureza daquilo que se quer submeter é importante, é a política do CEME. Não dá, por exemplo, para criar um único centro da educação física e esporte do Brasil pois tem características regionais, de acessibilidade dos acervos e eu acho que essa diversidade deve ser mantida. Eu acho que um repositório é ruim. Tem que pensar na política institucional do acervo que será disponibilizado. Por exemplo: construímos o repositório do PST, mas para o repositório eu estou construindo um banco de dados que é a página da memória do PST que, além do acervo digital, tem as capacitações, exposições, estamos disponibilizando tutoriais como realizar uma exposição no núcleo, para que eles possam registrar suas memórias e encaminhar para nos disponibilizarmos. Eu organizei esse processo todo, mandamos para Brasília, foi aceito e fizemos o mesmo desenho da página do ME, mas o pessoal disse que era melhor ser diferente pois nós temos autonomia para fazer. Então retirei essa característica da página da identidade visual igual ao ME e fiz uma outra configuração. O PST foi criado em 2003, algumas informações já não estão mais na página do ME; no repositório elas estão; por exemplo, os editais passados. Ou ainda: eu achei umas fotos do PST em Angola, ninguém sabia a origem desse material e eu fui atrás e descobri que foi durante a gestão do Agnelo Queirós.

O repositório, se bem administrado, possibilita o diferencial do tratamento e qualidade da informação e o DSpace é a melhor ferramenta para isso, principalmente porque ela é de fácil administração. Outra questão que nos estamos tendo muito cuidado é em relação às autorizações; eu não posso submeter nada sem ter a autorização dos autores. Das coleções específicas nós temos as autorizações; por exemplo, temos a autorização da



direção Executiva Nacional do Movimento de Estudantes de Educação Física para disponibilizar o material de acervo no repositório. As falas e apresentações deste Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte que acontece agora, em Porto Alegre, também vão ser disponibilizadas no repositório do CEME e por isso também estamos buscando as autorizações dos autores.

O primeiro passo é aprender a lidar com a ferramenta. É fácil, mas não é fácil. Eu me perdi... Acho que esse é um fator. Outro, é o excesso de trabalho, ou seja, acho que isso se tornou mais uma possibilidade. Eu vejo pelas reclamações não só pelo repositório, mas nós sempre temos que preencher documentos e dizer o que fizemos. O repositório é mais uma ferramenta para isso. Outra coisa é a novidade da ferramenta. - Claro que seria muito mais fácil se tivesse um Rodrigo ou uma Silvana que tu mandas os documentos um dia e no outro dia, eles colocam no ar.

Eu acompanhei, desde a gestão do Lino Castelani, quando o Luis Fernando Veronesi estava no Ministério, a constituição do CEDIME<sup>1</sup>, de fazer ele renascer e esse projeto que nunca se constituiu. Eu acho que hoje o RIRC é quase um CEDIME mas de um projeto muito específico, porque é um parte do CEDIME. Eu acho que falta para o ME essa visão da importância de investir, não só nos ministérios como nas outras instituições; a importância de garantir a preservação desses acervos e a acessibilidade deles e hoje é só utilizar essas ferramentas. Então se o CEDIME não andou, o que acabou fazendo? Você criou o RIRC; eu criei o repositório do PST, pois me envolvi justamente no âmbito da memória porque parte dos recursos do PST é gestado aqui na UFRGS. Essa é a preocupação de preservar, isso não significa preservar tudo, pois a memória só existe porque existe o esquecimento. Mas tem questões que precisam ser garantidas e esse meu envolvimento com os repositórios e mesmo com os centros de memória é no sentido de dizer que aqui existe algo para que as gerações futuras conheçam e acessem esse material. Isso não pode se perder porque nos vivemos na superficialidade das informações, facilmente nos esquecemos o que aconteceu há cinco anos atrás e esses projetos garantem a memória.

Os discursos vão se renovando. Veja hoje os discursos que circulam sobre megaevento; ninguém falava em megaevento há 5 anos atrás. Em 1968 quando o Lamartine Pereira da Costa apresentou o projeto da Copa, aquilo não era megaevento, era outra coisa. É que agora tudo virou a palavra da moda. Então, eu só vou conhecer essa

história se eu acessar aquele documento de sessenta e oito e que não caracterizava como megaevento. Assim eu percebo como os processos históricos são diferentes. É outra configuração em relação ao que era quarenta anos atrás.

O que eu consegui captar do PST, agora eu estou modificando o desenho da página e eu vou a Brasília apresentar no ME. Ele só vai funcionar se eu tiver esse documento na mão. Eu consegui recuperar vários editais do PST, documentos do diário oficial, eu fiz uma pesquisa nos mecanismos de busca. Eu acho que esses documentos também deveriam estar disponíveis. Com relação ao PST, o que eu percebi é o quanto o repositório facilita a gestão pública ao organizar esses documentos. No repositório estão disponíveis informações que podem ajudar a contar a própria história do governo, divulgar o programa, enfim, várias possibilidades. A assessoria de comunicação é aquela coisa de privilegiar o evento, a agenda do ministro, a cobertura daquilo com foco institucional de marketing. Com isso, inclusive, o repositório pode se tornar uma fonte da história não oficial. Aqui no CEME, nós temos, por exemplo, a primeira medalha olímpica e a fotografia do trabalhador que cavou o primeiro buraco para a construção da ESEF/UFRGS. Inclusive esse é um dos desafios: fugir um pouco da memória oficial e os metadados dos repositórios ampliam ainda mais essa possibilidade. Por isso também que eu acho que devem ser desenvolvidos vários repositórios e não apenas um.

**Rodrigo:** Provedor de dado e serviços

Eu acho que um dos caminhos para a utilização dos repositórios é a contribuição dessa ferramenta na formação acadêmica e profissional da área. Eu trabalho com a disciplina de história de Educação Física no curso de graduação e, sempre, no final, os alunos devem apresentar um trabalho. O que eles fazem é pesquisar no Google, teclar *control C + V* e eu concluí que isso não faz mais sentido algum. Transformar as relações com conhecimento, pois o trabalho não é para ganhar nota e sim para se apropriar de um conhecimento. Eu acho que os repositórios ajudam na formação.

No semestre passado nós fizemos uma disciplina muito interessante e o trabalho final era a construção de um vídeo com as ferramentas básicas do *moviemaker* e foram trabalhos muito legais; aprender a mexer com essas ferramentas minimamente é muito importante. Em síntese, o que eu quero ressaltar é a importância dessas novas ferramentas,

---

<sup>1</sup> Centro de Informação e Documentação do Ministério do Esporte.

como os repositórios, no processo de formação acadêmica e profissional. O repositório possibilita a organização e disponibilização de informações qualificadas.

[FINAL DO DEPOIMENTO]